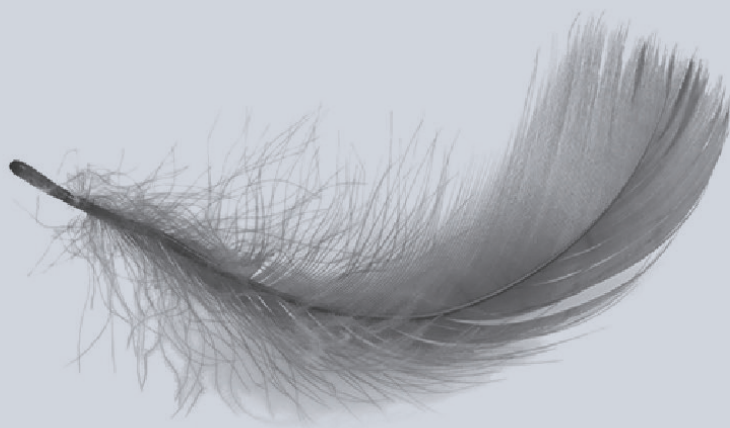


Volume 9
DEZEMBRO 2018

O TEMPO

Se..., Não...

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE
E PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA



Se..., Não...

Revista Portuguesa de
Psicanálise e Psicoterapia
Psicanalítica

Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Editor / Publisher

Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

Director / Director

Carlos Amaral Dias, PhD

(Professor Catedrático; Psicanalista e Presidente da Comissão de Ensino da AP)

Editor Chefe / Editor in Chief

Ana Almeida

(Psicanalista; Membro Titular da AP)

Co-edição /Co-editors

Alexandra Medeiros, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Catarina Rodrigues, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Isabel Botelho, MSc

(Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta; Associada da AP)

Conselho Editorial / Editorial Board

Ana Batarda, MsC

(Psicoterapeuta e Terapeuta Familiar; Fundador e Associado da AP);

Ana Vasconcelos, MSc

(Pedopsiquiatra; Membro da Direção e da Comissão de Ensino da AP)

Ângela Lacerda Nobre, PhD

(Doutorada em Gestão; Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Setúbal, Fundadora e Associada da AP);

António Alvim, MSc

(Psicoterapeuta Psicanalítico; Fundador e Associado da AP);

António Coimbra de Matos, MSc

(Psicanalista; Psiquiatra; Presidente da Direcção da AP);

António Mendes Pedro, PhD

(Visiting Professor da Universidade Paris XIII e Professor Associado da Universidade Autónoma; Psicoterapeuta, Psicanalista e Psicossomático; Fundador e Associado da AP);

Camilo Inácio MSc

(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

Carlos Alberto Afonso, PhD

(Professor Associado do ISPA; MFAPA e MFTTP da AP)

Carlos Campos Morais, MSc

(MFAPA da AP, Investigador-Coordenador apos. do LNEC, Membro Emérito da Academia de Engenharia;

Clara Pracana, PhD

(Psicanalista, Professora Convidada do Instituto Superior Miguel Torga, do ISMAT e do ISPA; Consultora; Fundador e Associado da AP);

Conceição Almeida, MSc

(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

Cristina Nunes, MSc
(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino e da Direcção da AP);

Elisabete Fradique, MSc
(Psiquiatra e Psicoterapeuta; Fundadora Associada da AP);

Filipe Arantes Gonçalves, MSc
(Psiquiatra, Psicoterapeuta; Fundador e Associado da AP);

Henrique Garcia Pereira, PhD
(Professor Catedrático do IS; Escritor);

Isabel Plantier MSc
(Psicoterapeuta Psicanalítica; Associada da AP);

João Ferreira, MSc
(Psicólogo Clínico; Associado da AP);

João Justo, PhD
(Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa);

João Pedro Dias MSc
(Psicólogo Clínico; Fundador e Associado da AP);

Jorge Caiado Gomes, PhD
(Professor da Universidade Atlântica; Fundador Associado da AP);

José Carlos Coelho Rosa, MSc
(Psicanalista; Vice-Presidente da Direcção e Membro da Comissão de Ensino da AP);

José de Matos Pinto, PhD
(Psicólogo Clínico; Professor Coordenador da ESE de Coimbra; Fundador e Associado da AP);

José Gouveia Paz, PhD
(Professor Auxiliar da UAL; Psicoterapeuta);

José Henrique Dias, PhD
(Professor Jubilado da UNL; Director da Escola Superior de Altos Estudos do ISMT);

Manuela Gonçalves dos Santos, MSc
(Grupanalista; Fundador e Associado da AP)

Maria do Rosário Belo, MSc
(Psicanalista; Membro da Comissão de Ensino da AP);

Maria do Rosário Dias, PhD
(Professora Associada no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz;
FundadoraAssociada da AP);

Mário Horta, PhD
(Psicanalista; Membro da Direcção da AP);

Michael Knock, PhD
(Professor Associado do ISMT; Teólogo);

Conselho Editorial Internacional/ Internacional Editorial Board

Judith Parker, PhD
(Psychoanalyst in private practice) – Beverly Hills – California);

Lynn Somerstein, PhD
(Director of the Institute of Expressive Analysis; Book Review Editor Psychoanalytic Review;
Psychoanalyst in Practice – New York);

Nancy Burke, PhD
(Associate Professor of Clinical Psychiatry and Behavioural Science in Northwestern
University Feinberg School of Medicine – Chicago);

Rochelle Suri, PhD
(Licenced Marriage & Family Therapy; Associate Director of the International Journal of
Transpersonal Psychology – San Francisco – California);

Sandra Segan, PhD

(Member of the WMAAPP (Western Massachusetts and Albany Association for
Psychoanalytic Psychology; Psychoanalyst in Practice-New York)

«Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica. Contudo, também são aceites, de forma complementar, textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e as diversas facetas do Desenvolvimento Humano

© 2018, AP – Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

TÍTULO

Se..., Não... Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica

CAPA

Maria Soromenho

PAGINAÇÃO/IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Manuel Oliveira

DEPÓSITO LEGAL - 314677/10

ISSN - 1647-7367

DATA DE EDIÇÃO DIGITAL

1.^a edição, Lisboa, Dezembro de 2018

Índice

Editorial Alexandra Medeiros	11
Posterioridade/Anterioridade Psicanálise <i>Nachträglichkeit</i> Carlos Amaral Dias	15
Comentário à conferência do Professor Carlos Amaral Dias Patrícia Câmara	29
O mistério da personalidade não psicótica Ana Gaspar	37
O tempo que não passa? Ana Vasconcelos	49
O tempo cairológico na psicoterapia André Toso	55
Tempo, ilusão e narcisismo no tratamento da perturbação da hiperatividade e défice de atenção - implicações neurológicas e na saúde mental Miguel Estrada e Nuno Pangaio	65
O processo artístico contemporâneo como experiência do tempo e do sentimento de ser Rita Pereira Marques	81
O tempo de qualidade na parentalidade Teresa Heitor Ferreira	87

Atemporalidade no autismo Alexandra Raposo Medeiros	93
Instruções aos Autores	113

O tempo que não passa?¹

Ana Vasconcelos

Pedopsiquiatra e psicoterapeuta
anavasconcelos@netcab.pt

Não vazes tantas vozes rente ao vento
E não escutes os pássaros nem mesmo o mar
Não oiças nem sequer o vento se soprar
Ouve o tempo passar escuta a sua voz
Pois o tempo tem voz o tempo fala

Ruy Belo *in* “Um dia uma vida”

¹ Comunicação apresentada no X Encontro, 20 de abril de 2018.

Esta comunicação é dedicada ao Prof. Carlos Amaral Dias porque é o grande obreiro de eu ter podido compreender e viver esta consciência de que há o tempo que passa e o tempo que nunca passa. Consciência que me deu a ousadia para vos apresentar este texto.

E, neste tempo real de 10 anos que tem a AP, é deste tempo que não passa que vos quero falar. Tempo outro que bordeja sempre o outro tempo, o que passa.

Nesta minha intervenção, gostaria que me ouvissem numa postura de devaneio como o jovem, que aparece no quadro de Piero de la Francesca que Jean-Bertrand Pontalis (2004) convoca no seu livro, *Le dormeur éveillé*, que, de olhos abertos, mas com olhar sonhador e certamente, também, em devaneio, vigia o sono do Imperador Constantino.

Esta minha comunicação é, também, o testemunho da minha admiração pelo pensamento de Jean-Bertrand Pontalis (1997) que, com o seu livro, *Ce temps qui ne passe pas*, me guiou nestas reflexões.

Quero falar-vos deste tempo que não passa e que, acompanhando o tempo que vai passando, é o tempo onde pertence o inconsciente. Inconsciente que, como afirmou Freud, ignora o tempo.

É o tempo que se ocupa a fazer falar o *infans* e a fazer calar o *factum*.

É o tempo da travessia por entre a associação livre.

É o tempo da fantasia e do fantasma que, com toda a sua pujança imaginária, desafiam a ordem das coisas.

É o tempo do pensamento poético de David Mourão Ferreira no seu poema, E por vezes²,

“E por vezes as noites duram meses

E por vezes os meses oceanos...

*E por vezes encontramos de nós, em poucos meses o que a noite nos fez em
muitos anos...*

E, por vezes, por vezes, há por vezes num segundo se evolvem tantos anos”

2 Mourão-Ferreira, D. (1973), *Matura Idade*, Arcádia

É o tempo entre o acabado e o inacabado do desassossego de Fernando Pessoa.

Mas, também, é o tempo do pensamento melancólico da melancolia, onde o vazio de pensamentos conscientes, ou melhor, o nada, se transforma em buraco negro que só permite que a pessoa sinta o terror sem nome, que é inominável.

É o tempo da automutilação e dos cortes no corpo como alívio de uma dor mental insuportável, onde desamparo, desesperança, desamor, não permitem adjectivar o sentir, apenas ter dor inominável.

É o tempo que Pascal Quignard (1990), no seu livro, *Albucius*, designa por 5ª estação, qual uma pré estação do ano que erra furtivamente durante toda a vida, ensombrando por vezes, ameaçando outras vezes, assediando as outras quatro estações do calendário, visitando subtilmente as atividades do dia, frequentemente sendo visita dos sentimentos, presença constante do sono através dos sonhos, dos devaneios, dessas narrativas onde atraca, ancorando a recordação verbal que se tira desses sonhos, desses devaneios e dessas narrativas internas.

É o tempo desta 5ª estação que, como disse o romancista e dramaturgo francês, Jean Giradoux (1926), no seu livro *Bella*, quando desabrocha e floresce, dá ameixas às macieiras, framboesas ao carvalho.

É o tempo que, nas travessias que terapeuta e paciente fazem ao longo das sessões de psicoterapia, pertence a certos momentos que nunca pertencem ao *factum* mas são o tempo do Eu, onde também existe um inconsciente consciente, como Mark Solm (1914) defende. É, ainda, um tempo onde a pessoa não está na sua concretude mas onde, todavia e paradoxalmente, está de verdade, qual oxímoro que segue o modelo de Matte-Blanco sobre a estrutura bi-lógica da mente.

É o tempo onde Kant (1798), na sua *Antropologia do ponto de vista pragmático*, ao referir-se à grande carta do espírito e numa antecipação do inconsciente freudiano, coloca o campo, que qualifica como extensíssimo, das “representações obscuras”. Obscuras porque, explicita Kant, só estão iluminados nalguns locais o que, acrescenta, é uma magnífica inspiração para levar o humano a indagar sobre si próprio, sobre o que, em si, lhe está obscuro.

É o tempo de certos traços mnésicos que não estão limitados às memórias nem são, apenas, traços de situações passadas mas informam pelas conexões que os ligam, qual teia ou rede, constituindo-se nos alicerces de uma memória que não teve lugar, não encontrou o seu lugar psíquico mas, como, evocando de novo o pensamento de Jean-Bertrand Pontalis, desenha os contornos de um vazio no íntimo de cada um de nós.

É o tempo necessário ao morrente que substitui o vivente e é o protagonista do texto *“Faro!”* de Carlos Amaral Dias (2009) no seu livro *Carne e Lugar*. Morrente que, no seu trajecto temporal, entre o nascimento e a morte, sendo o que nasce, o que cria, o que goza, o que procura e o que morre, necessita desse tempo outro para que, estando condenado a viver entre os dois nada que são o seu nascimento e a sua morte, possa, realizando o seu estado de vida, aspirar a alcançar um estado onde a tensão desaparece. Num tempo onde Freud, como relembra Carlos Amaral Dias, coloca como sinónimos o princípio da constância, (no sentido de estabilidade), o princípio de Nirvana e o instinto ou pulsão de morte. Pulsão de morte que, continuando a evocar Carlos Amaral Dias, é a tendência do aparelho mental para reduzir a zero qualquer excitação interna ou externa.

É o tempo, como também nos diz Carlos Amaral Dias, que permitiu que Pablo Neruda dissesse “Morrer/Viver/Morrer” ou, nos versos que Shakespeare, colocou na voz de Hamlet, quando este estava no auge do desamparo pela morte do pai e pela traição da mãe, “to sleep, to die. To sleep, per chance to dream”.

É o tempo que possibilita, como explicitou Carlos Amaral Dias (2018), na sua comunicação, *Posterioridade/ Anterioridade Psicanálise/Nachträglichkeit*, que o conceito que define como o objeto psicanalítico modificado, seja um gerador metafórico que permite que esse objecto possa ser ponto de partida e ponto de chegada porque, no tempo real do aqui e agora de um encontro psicanalítico, gera interpretações simbólicas, conceito criado por Carlos Amaral Dias para designar as interpretações que possibilitam que, nesse encontro psicanalítico onde Widlocher (1996) colocou o co-pensamento e a empatia, *de repente, um acontecimento, uma história contada, um momento de vida, emerge a conjugação constante emocional do paciente* (Carlos Amaral Dias, 2018).

Finalmente (mas nunca há finalmente neste tempo!) e continuando a sermos guiados por Carlos Amaral Dias neste seu texto, é o tempo do encontro psicanalítico dotado de uma permanente ressignificação porque o *objeto psicanalítico modificado*, com o seu efeito máximo de circulação do tempo, graças a essa permanente ressignificação, mobiliza conjunções constantes emocionais que estavam previamente organizadas e estruturadas e, mudando o tempo e o espaço sobre um carril temporal, permite que seja criado um tempo e um espaço que antes não existia.

REFERÊNCIAS

Amaral Dias, C. (2009). *Carne e Lugar*. Almedina, Coimbra.

Amaral Dias, C. (2018). *Posteridade/Anterioridade Psicanálise/Nachträglichkeit*. Comunicação proferida no X Encontro AP, 20 de abril.

Widlocher, D. (1996). *Les Nouvelles cartes de la psychanalyse*. Editions Odile Jacob.

Pontalis, J. B. (2004). *Le dormeur éveillé*. Éditions du Mercure de France.

Pontalis, J. B. (1997). *Ce temps qui ne passe pas*. Gallimard, Paris.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

ÂMBITO EDITORIAL

A «Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica» publica artigos originais do campo disciplinar, científico e praxiológico (clínica e aplicação) da Psicanálise e da Psicoterapia Psicanalítica e textos que expressem a rica diversidade de interfaces entre estes domínios e os outros ramos da cultura, da ciência e da arte.

POLITICA EDITORIAL

A AP está empenhada em assegurar a ética na publicação e qualidade dos artigos. Como tal, é esperado que todas as partes envolvidas – autores, editores, revisores e editora – sigam os padrões de comportamento ético definidos internacionalmente.

Os autores devem garantir que o seu trabalho é inteiramente original e, se utilizados trabalhos ou excertos de outros trabalhos já publicados, esse facto deverá ser declarado. A prática de plágio, em qualquer das suas formas, constitui um comportamento anti-ético de publicação e é inaceitável. O

autor correspondente deve garantir que existe um consenso pleno de todos os co-autores na aprovação da versão final do documento e na sua submissão para publicação.

Os editores comprometem-se a avaliar os manuscritos exclusivamente com base na sua mais-valia académica e científica. Um editor não deve usar informações não publicadas nos seus próprios trabalhos, sem o expreso consentimento por escrito do autor.

Os revisores comprometem-se a tratar quaisquer trabalhos recebidos para avaliação como documentos confidenciais. Informação privilegiada ou ideias obtidas através de revisão por pares devem ser mantidas em sigilo e não devem ser utilizadas para proveito pessoal. Os comentários ou correções serão conduzidos de forma objetiva e as observações formuladas serão claras e devidamente argumentadas, para que os autores possam usá-los para melhorar o artigo.

Regemo-nos por um sistema de arbitragem anónima por avaliadores externos (referees), através de um procedimento de Double Blind (duplamente cego): neste processo os intervenientes (autores, revisores e gestores de artigo) são tornados anónimos. O artigo é enviado para dois (ou mais) Pares Revisores, que o examinam e arbitram sobre a sua qualidade. O editor enviará ao autor informação sobre a eventual aceitação para publicação; reformulação e submissão para nova avaliação por pares; ou não aceitação. No caso de reformulação, os autores receberão os pareceres e recomendações dos Pares Revisores e deverão proceder às alterações recomendadas.

Os autores autorizam a AP a guardar a informação relacionada com o artigo (textos e dados de identificação dos autores). Estes dados podem ser apagados mediante solicitação do autor(es) por email enviado à revista.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

– Todos os artigos apresentados à Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica deverão ter um Título, um Resumo, a descrição

dos Autores, um corpo de texto e Referências Bibliográficas. O artigo terá que ter Título e Resumo em português e em inglês.

– Os resumos deverão ter entre 150 e 200 palavras e deverão ser seguidos de quatro a seis palavras-chave.

– Os autores (num máximo de seis), devem ser identificados com o nome, instituição(s) onde exercem, funções e os contactos (morada, e-mail e telefone).

– Os artigos não deverão ultrapassar as 15 páginas (salvo algumas exceções), já incluindo referências, notas, tabelas, e figuras. Os últimos três elementos deverão ser evitados, exceto quando forem indispensáveis para a compreensão do texto.

– Só são aceites notas de rodapé na primeira página do artigo relativas ao título e à identificação do autor.

– Todas as outras notas, devem ser apresentadas apenas quando forem consideradas essenciais.

– As fotografias, figuras, esquemas e gráficos devem ter um título e ser enumeradas por ordem de inclusão no texto.

ORGANIZAÇÃO FORMAL DOS ARTIGOS

Primeira página

1. O título do artigo, que deverá ser conciso;
2. O nome do autor ou autores (devem usar-se apenas dois ou três nomes por autor);
3. O grau, título ou títulos profissionais e/ou académicos do autor ou autores;
4. O serviço, departamento ou instituição onde trabalha(m).

Segunda página

1. O nome, telefone, endereço de correio eletrónico e endereço postal do autor responsável pela correspondência com a revista acerca do artigo;
2. O nome, endereço de correio eletrónico e endereço postal do autor a quem deve ser dirigida a correspondência sobre o artigo após a sua publicação na revista.

Terceira página

1. Título do artigo nas línguas necessárias (Português/Inglês);
2. Resumo do artigo nas línguas necessárias;
3. Quatro a seis palavras-chave nas línguas necessárias;

Páginas seguintes

As páginas seguintes incluirão o texto do artigo, devendo cada uma das secções em que este se subdivide começar no início de uma página.

TRATAMENTO EDITORIAL

Os textos recebidos são submetidos a um processo de validação administrativa. Os textos que estejam de acordo com as normas são identificados por um número. Será considerada como data de receção do artigo o último dia de receção da versão eletrónica do artigo e dos anexos necessários. Os artigos aceites serão distribuídos a um editor responsável, que fará uma apreciação sumária e apresentará o artigo em reunião dos Co-Editores.

Os artigos que estejam de acordo com as normas e que se enquadrem na missão da revista entrarão num processo de revisão por pares. Aos revisores será pedida a apreciação crítica de artigos submetidos para publicação.

Essa avaliação incluirá as seguintes áreas: atualidade, fiabilidade científica, importância clínica e interesse para publicação do texto. De forma a garantir a isenção e imparcialidade na avaliação, os artigos serão enviados aos revisores sem a identificação dos respetivos autores e cada artigo será apreciado por dois. Caso exista divergência de apreciação entre revisores, os editores poderão convidar um terceiro revisor. A decisão final sobre a publicação será tomada pelo editor chefe com base nos pareceres dos revisores. As diferentes apreciações dos revisores serão integradas pelo editor responsável e comunicadas aos autores. Os autores não terão conhecimento da identidade ou afiliação dos revisores ou do editor responsável.

A decisão relativa à publicação pode ser no sentido da recusa, da publicação sem alterações ou da publicação após modificações. Neste último grupo, os artigos, após a realização das modificações propostas, serão reapreciados pelos revisores originais do artigo. Desta reapreciação resultará uma apreciação final por parte do editor responsável e a decisão de recusa ou de publicação, da qual os autores serão informados.

REGRAS DE CITAÇÃO E DE REFERENCIAÇÃO

As regras de citação e de referenciação devem ser elaboradas de acordo com as normas sugeridas pela A.P.A. (American Psychological Association).

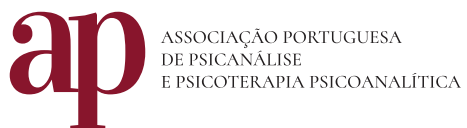
CORRESPONDÊNCIA EDITORIAL E SUBMISSÃO DE TEXTOS

Revista de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica “Se..., Não...”

Largo do Andaluz, n. 15, 2-Esq

1050-004 Lisboa

Tel.: 913 906 073 * revista.psicanalise.ap@gmail.com



Órgão oficial da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP)

Email: ap.psicanalise@gmail.com

Site: www.apppp.pt

Tm: 913906073

Largo do Andaluz 15 - 2º Esq. 1050-004 Lisboa